

# Conectados com a Gente

Colégio Estadual Cívico-Militar Professor Francisco Villanueva – Ano IV – Nº 25 – 05 de agosto de 2024

**Equipe Sênior**



**Carlos Drummond de Andrade – Fernando Sabino**

**Millôr Fernandes – Stanislaw Ponte Preta**

**Nelson Rodrigues – Rubem Braga**

**Luis Fernando Veríssimo**

## EDITORIAL

A crônica de humor é uma forma de arte que revela a essência do cotidiano com uma lente divertida e, muitas vezes, crítica. Apresentamos, nesta edição, célebres cronistas de nossa literatura que nos fizeram rir das situações mais triviais e das mais complexas, usando o humor como ferramenta para refletir sobre a vida e a sociedade.

*Drummond, Fernando Sabino, Rubem Braga, Luis Fernando Veríssimo, Stanislaw Ponte Preta, Millôr Fernandes e Nelson Rodrigues* nos brindaram com crônicas que capturavam a simplicidade e a profundidade do ser humano, trouxeram à tona a beleza das pequenas coisas e transformaram momentos comuns em reflexões profundas e engraçadas.

Nas próximas páginas, nossos alunos exploram a vida e as obras desses gigantes, suas contribuições para a literatura e como eles usaram o humor para espelhar a alma brasileira. Esperamos que as reportagens inspirem reflexões sobre o poder transformador do humor na nossa cultura.

Aproveitamos para dar as boas-vindas a nossos novos membros neste projeto, que estão publicando seus primeiros textos nesta edição: **João Vitor, Leticia e Vitória**. Estamos muito contentes e empolgados com a chegada desses novos integrantes na Equipe Sênior e também ansiosos para ver as ideias inovadoras e novas perspectivas que trarão ao nosso projeto. Acreditamos que suas contribuições serão valiosas e irão enriquecer ainda mais nossas iniciativas.

Por fim, desejamos uma boa leitura e muitas risadas!

**Conectados com a Gente!**

## SUMÁRIO

- 03** Crônicas humorísticas  
..... *Marcelo Cristiano Acri*
- 04** “No meio do caminho”, havia o trivial e o inusitado  
..... *Marcelo Cristiano Acri*
- 06** “Quando a liberdade é o espaço que a felicidade precisa, há Fernando Sabino, que nasceu e morreu menino”  
..... *Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga*
- 12** “Todo amor é eterno e, se acaba, não era amor”,  
Nelson Rodrigues  
..... *João Vitor Cordeiro Gomes*
- 14** Uma história ou uma crítica disfarçada de crônica?  
..... *Cecília Valentine de L. Carreiro de Souza*
- 16** “Ambíguo, eu? Pode ser, pode não ser”, Millôr  
Fernandes  
..... *Leticia Corsini*
- 18** Entre palavras e personagens, está Stanislaw Ponte  
Preta  
..... *Vitória Américo*
- 20** De muitos trabalhos a que se dedicou, destacou a  
escrita com humor e críticas em crônicas  
..... *Sofia Vitória Lopes*

## EXPEDIENTE

**Direção:** Prof.<sup>a</sup> Neuza A. Petrin Schuster - Colégio Estadual Cívico-Militar Professor Francisco Villanueva.

**Organização e Revisão:** Prof. Marcelo C. Acri e Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga.

**Diagramação:** Prof. Marcelo C. Acri.

**Capa:** Imagem criada no Canvas IA.

**Design de capa:** Cecília V. de L. C. de Souza, Marcio V. de M. de Alvarenga, Sarah G. de Freitas, Sofia V. Lopes.

**Equipe de alunos:**

Ágatha Rafaela Martins, Heloiza Vitoria Amaral Freitas e Mel Emanuele Coutinho (7º ano); Bianca Caroline Moraes dos Santos, Igor Gasparotto e Kelli Fernandes Senhoreli (8º ano); João Pedro Sartorelo Santos, Julia Rodrigues dos Santos da Silva, Rafael de Aquino Nieto e Sarah Guimarães de Freitas (9º ano); Cecília Valentine de Lima Carreiro de Souza, Leticia Corsini, Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga, Sofia Vitória Lopes e Vitória Américo (1º ano); João Vitor Cordeiro Gomes (2º ano).

# Crônicas humorísticas

Marcelo Cristiano Acri

A literatura pode ser entendida como a arte de expressar ideias, sentimentos e histórias por meio da palavra escrita. Ela se manifesta em inúmeros gêneros: romances, poemas, contos e crônicas. Cada um trazendo uma maneira única de ver e representar o mundo. A leitura de obras literárias é fundamental, porque permite viajar por diferentes épocas e culturas, expandir o vocabulário e desenvolver o pensamento crítico. Além disso, a literatura ajuda a compreender melhor as emoções humanas e a refletir sobre as próprias experiências e valores. Por isso, ler é mais do que um passatempo: é uma forma poderosa de crescimento pessoal e intelectual.

Dentre as obras literárias, a *crônica* é um gênero de mais fácil acesso, visto que pode ser encontrado em jornais e revistas, além de páginas virtuais. Ela surgiu no século XIX, no entanto, suas raízes podem ser traçadas até as crônicas históricas da Idade Média, que contavam eventos cronologicamente. Em nosso tempo, esse gênero formou-se nas páginas dos jornais, quando escritores começaram a escrever textos curtos e reflexivos sobre o cotidiano, apresentando um estilo leve e acessível.

Grandes autores brasileiros, como Machado de Assis e Rubem Braga, foram pioneiros em transformar a crônica em uma forma de arte literária, mesclando observações pessoais, humor e crítica social. Atualmente, ela continua sendo um dos gêneros mais populares e versáteis, permitindo aos escritores explorarem uma ampla diversidade de temas e estilos, sempre com um olhar atento e sensível para os detalhes da vida diária.

As crônicas abordam temas do cotidiano das cidades, construindo um retrato verbal particular dos acontecimentos urbanos. Diante disso, pode-se dizer que os bons cronistas são aqueles que conseguem perceber, no dia a dia, impressões, ideias ou visões da realidade que não foram percebidas por todos. E, em meio a tudo isso, há crônicas que tratam de assuntos leves com um tom humorístico.

Nas próximas páginas, apresentaremos alguns cronistas que criam representações do mundo com um olhar permeado pelo humor. Esses gênios criativos da literatura possuem a capacidade de perceber, expressar e apreciar o que é engraçado, absurdo ou surpreendente. Assim se explica o humor, que pode se manifestar em piadas, ironias, trocadilhos, sátiras e situações cômicas, existindo em todas as culturas e funcionando como uma forma de comunicação capaz de unir as pessoas. O humor é capaz de aliviar tensões, promover a empatia e proporcionar alívio em momentos difíceis; e pode ser uma ferramenta crítica, que desafia normas sociais e políticas e convida à reflexão por meio do riso. Pode-se dizer que o humor enriquece a vida ao trazer leveza e perspectiva, ajudando a enfrentar os desafios cotidianos com um sorriso.

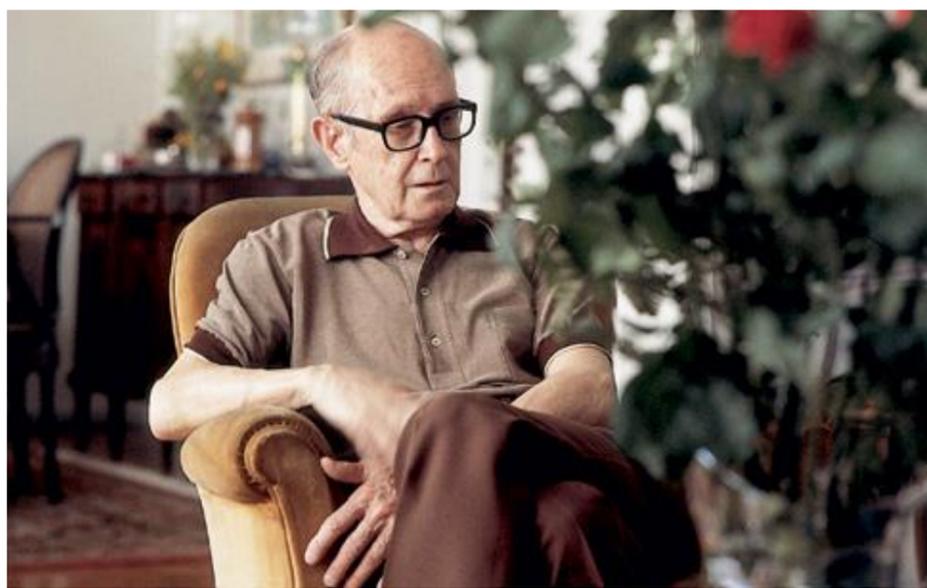
Foi no final do século XIX e no início do século XX que autores começaram a ganhar destaque com as crônicas humorísticas. Elas se caracterizam por um estilo leve, irreverente e bem-humorado e abordam temas comuns de forma inusitada, revelando a face cômica de situações triviais. Uma curiosidade é que muitos cronistas humorísticos transformaram suas observações em verdadeiras análises sociológicas, utilizando o humor como uma lente para examinar a complexidade das relações humanas e das questões políticas e culturais.

Adiante, serão apresentados Carlos Drummond de Andrade (sim, o grande poeta escreveu crônicas de humor!), Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino e Stanislaw Ponte Preta.

# “No meio do caminho”, havia o trivial e o inusitado

Marcelo Cristiano Aeri

**C**arlos Drummond de Andrade é um dos primeiros nomes lembrados quando se fala em escritores brasileiros. Famoso por ser um dos maiores poetas modernistas, na verdade, Drummond também escreveu obras em prosa, dentre elas crônicas de humor. Ele nasceu em 31 de outubro de 1902, na cidade de Itabira de Mato Dentro, em Minas Gerais. Filho de Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade, estudou em sua cidade, depois em Nova Friburgo (RJ).



Carlos Drummond de Andrade – Fonte: [Templo Cultural Delfos](#).

Em 1921, mudou-se para Belo Horizonte e começou a publicar artigos no jornal Diário de Minas, que reunia adeptos do Movimento Modernista Mineiro. Em 1923, começou a cursar Farmácia, porém, nunca exerceu a profissão. Deu aulas de Português e Geografia em Itabira, mas logo se mudou porque não lhe agradava a vida no interior. Voltou para a capital e começou a atuar como redator no Diário de Minas.

As obras de Drummond traduzem um olhar pessoal sobre a realidade social, expressando-o com ironia. Em 1970, publicou o livro *Cadeira de balanço*, uma coletânea de crônicas em que utilizou o humor para tratar de questões do cotidiano e provocar reflexões sobre a vida e a sociedade. Em 1984, lançou o livro *Boca de luar*, no qual as crônicas de humor refletem temas do dia a dia do brasileiro. *O observador no escritório* foi lançado em 1985 e traz crônicas sobre a vida urbana. Finalmente, em 1986, presenteou-nos com novas crônicas humorísticas com a obra *A bolsa e a vida*.

Na década de 1970, o Brasil foi marcado por um período de efervescência cultural e de intensas tensões políticas por causa do regime militar instaurado em 1964. Os “anos de chumbo” – como esse período ficou conhecido – caracterizou-se por censura, repressão política e restrições à liberdade de expressão. Entretanto, as artes floresceram resistindo a tudo isso. Nesse contexto, a literatura atuava como forma de entretenimento e de crítica social velada. Com a obra *Cadeira de balanço*, Drummond explorava o cotidiano de forma crítica e bem-humorada, expondo contradições e absurdos da sociedade brasileira. O humor era utilizado como forma de lidar com a opressão e as dificuldades.

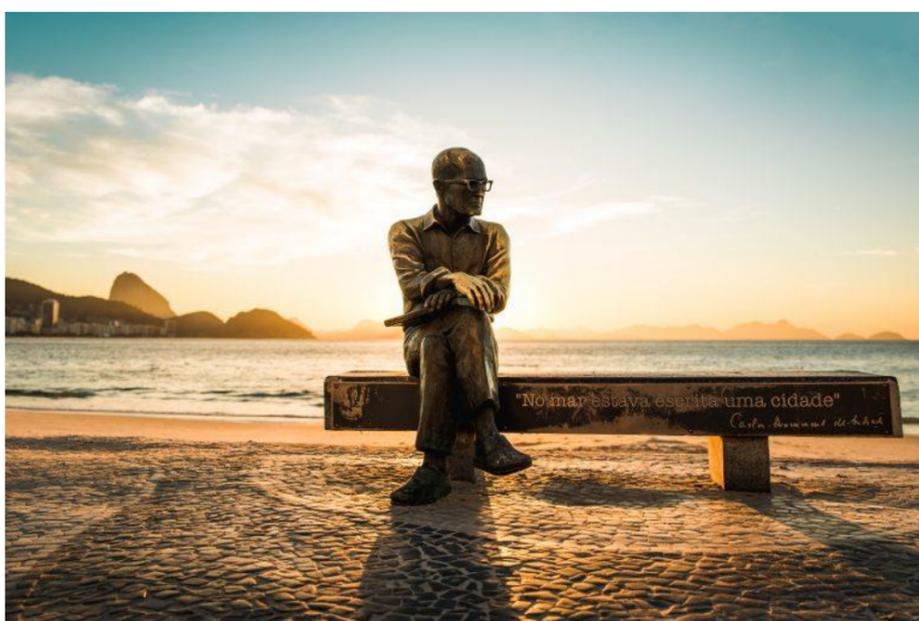
Já na década de 1980, houve mudanças bastante significativas para o país, incluindo a abertura política e o processo de redemocratização. O regime militar havia acabado e a nova Constituição foi promulgada em 1988; com isso, a liberdade de expressão renasceu e ocorreu uma revitalização cultural. Foi um período de otimismo cauteloso e de busca por novas identidades e formas de expressão.

As obras *Boca de luar*, *O observador no escritório* e *A bolsa e a vida* refletem essa transição, com crônicas que mostram o espírito de uma época de libertação das amarras da censura e da repressão por meio da exploração de temas leves do dia a dia. Com ironia e humor, criticavam sutilmente as mudanças sociais e culturais que estavam acontecendo.

O humor em suas obras servia de válvula de escape para as tensões diárias. Na sociedade da época, marcada por desafios políticos e econômicos, o riso causado pelas observações de Drummond oferecia um alívio necessário. E era com o humor que Drummond (e muitos outros escritores e artistas) evitavam a censura direta.

Suas crônicas testemunham a resiliência cultural brasileira e a capacidade de encontrar beleza e humor mesmo nas situações mais difíceis. Drummond possuía uma habilidade única para observar e comentar sobre o cotidiano com leveza. Assim, ajudou a moldar a percepção da sociedade brasileiras sobre ela mesma, fazendo do trivial uma obra de reflexão e riso.

Carlos Drummond de Andrade faleceu no Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1987.



Monumento a Drummond na Av. Atlântica (RJ) – Fonte: C.C.D.A.

## Uma crônica

Sabemos que muitas pessoas não se sentem tranquilas quando chega o momento de comemorar o aniversário. Por inúmeros motivos, boa parte da sociedade vive essa data como se fosse um dia a ser esquecido. Drummond trouxe essa reflexão para a crônica *Caso de secretária*, lançada na obra *A bolsa e a vida*.

Por meio dela, conhecemos um chefe que foi “trombudo para o escritório”, pois era seu aniversário, porém, “a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data”. E seus filhos também tinham se esquecido. Seu motivo era o esquecimento daqueles para os quais “se arrebatava de trabalhar”.

No entanto, já no escritório, encontrou flores e um abraço de uma secretária que não sofria daquele esquecimento. Isso abriu mais sua ferida, pois aqueles que amava não se lembraram. Mesmo quando a secretária tentou fazê-lo se animar, perguntando se iria comemorar em sua casa ou em outro lugar, ele respondeu que fazer “anos é uma droga, ninguém gostava dele neste mundo, iria rodar por aí à noite, solitário, como um lobo da estepe”.

Repentinamente, ela se ofereceu para jantar com ele. E ele considerou que eles poderiam sim jantar, afinal, era melhor do que rodar sozinho por aí. A partir daquele momento, as horas se arrastaram. Chegada a hora, ela propôs passarem em seu apartamento, pois precisava se trocar. Ele ficou animado. Lá, ela disse que iria se trocar, pediu que esperasse dentro do banheiro e, em quinze minutos, ele poderia entrar sem bater.

Finalmente, os eternos quinze minutos se passaram e, no desespero do momento de espera e com o calor do pequeno cômodo e da situação, livrou-se “da roupa incômoda”. Subitamente, quando abriu a porta e entrou, ouviu os “parabéns pra você” da secretária, de sua esposa e de seus filhos.

# “Quando a liberdade é o espaço que a felicidade precisa, há Fernando Sabino, que nasceu e morreu menino”

Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga



Cidades na cidade – Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga – Fonte: AI DALL-E 3, 03 julho de 2024.

**F**ernando Tavares Sabino é uma das figuras mais importantes da literatura brasileira. Ele é conhecido por suas crônicas e novelas e seus contos e romances. De fato, é um escritor bastante renomado na literatura, pois foi um autor da terceira fase do Modernismo. É um autor conhecido por sua prosa cativante e estilo direto. Sua prosa fluida e sua habilidade de comunicar tornam seus textos valiosos para atividades de redação e de interpretação.

Ele nasceu em 12 de outubro de 1923, na cidade de Belo Horizonte. É filho de Domingos Sabino e Eliana Sabino. Estudou em sua cidade e, depois, no Rio de Janeiro.



Fernando Sabino – Fonte: [Correio IMS](#).

Em 1930, com seus 7 anos de idade, ingressou no Grupo Escolar Afonso Pena, em Belo Horizonte, e desde cedo demonstrava paixão pela leitura e escrita. Ele aprendeu a ler com a sua mãe e, a partir desse momento, manifestou admiração pela literatura. Ao longo dos anos seguintes, continuou a desenvolver as suas habilidades.

Sabino iniciou a sua carreira literária com grande entusiasmo e talento, após decidir que queria ser escritor. Em 1936, aos 12 anos de idade, já estava escrevendo contos e teve seu primeiro conto policial publicado na revista “Argus”, da Secretaria de Segurança de Minas Gerais. No decorrer da sua adolescência, enviava constantemente crônicas para essa revista, vencendo concursos literários com frequência.

Em 1938, ajudou a fundar um jornal no “Ginásio Mineiro”, chamado “A Inúbia”, nome dado pelos poetas aos flautins de taquara dos índios tupis-guaranis (esses instrumentos eram utilizados como trombetas de guerra pelos índios). O termo “inúbia” tem origem tupi e designa uma espécie de trombeta feita geralmente de cabaça. Ela era usada em combates e festejos pelos indígenas.

A fundação desse jornal foi um dos primeiros passos da carreira literária de Fernando Sabino. Além disso, sua colaboração nas revistas “Alterosas”, “Belo Horizonte” e “Mensagem”, através da publicação de artigos, crônicas e contos, contribuiu significativamente para a sua jornada como escritor.

Além da sua carreira como escritor, foi detentor de vários recordes como nadador, pois era um esportista talentoso, destacando-se como nadador do “Minas Tênis Clube” e tornando-se campeão sul-americano, na modalidade de nado de costas, em 1939.

Na década de 1940, Fernando conquistou a medalha de ouro como o primeiro aluno da turma após concluir o curso secundário no ginásio mineiro. Em 1941, iniciou o curso superior na “Faculdade de Direito de Minas Gerais”. Ele também ingressou no jornalismo como redator da “Folha de Minas”, por intermédio do escritor Murilo Rubião.

No mesmo ano, o seu primeiro livro de contos, intitulado *Os grilos não cantam mais*, uma coletânea dos seus contos, foi publicado no Rio de Janeiro, quando ele tinha apenas 18 anos. Fernando Sabino já enviou um exemplar da sua obra para o escritor Mário de Andrade, uma das figuras importantes no cenário literário brasileiro e um dos principais modernistas (eles chegaram a se conhecer pessoalmente). Essa foi uma fase importante em sua trajetória como escritor, promovendo sua paixão pela literatura e contribuindo para a cultura brasileira.

Apoiou um jornal literário do Rio, recriando uma obra clássica do escritor brasileiro e principal representante do realismo brasileiro, Machado de Assis: a obra Dom Casmurro (fiel à obra do autor, mas com um narrador em terceira pessoa). Em *Amor de Capitu*, ele narra o romance na terceira pessoa, oferecendo uma nova perspectiva sobre a traição jamais confirmada de Capitu. Essa abordagem inovadora enriqueceu o mistério e abriu uma nova possibilidade de leitura desse clássico da literatura brasileira. Fernando Sabino colaborou com a revista “Vamos Ler” e esteve envolvido com o “Anuário Brasileiro de Literatura”.

Fez parte de um grupo literário e inseparável conhecido como “os quatro mineiros de um íntimo apocalipse”, juntamente com os também escritores mineiros Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Rezende. Esses escritores mineiros compartilhavam ideias, influências e amizade, criando uma rede de apoio criativa e intelectual.

No ano de 1942, foi admitido como funcionário da Secretaria de Finanças de Minas Gerais. Além disso, lecionou português no “Instituto Padre Machado” e foi nomeado oficial de gabinete do secretário de agricultura. Fez um estágio de três meses como aspirante no Quartel de Cavalaria de Juiz de Fora. Esse período serviu de inspiração para os hilariantes episódios narrados em seu livro *O grande mentecapto*.

Nessa obra, o leitor é transportado para o estado de Minas Gerais, mais precisamente para Rio Acima, onde nasce José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva, conhecido como Geraldo Viramundo – ou apenas Viramundo. A história acompanha as aventuras e desventuras desse personagem, espécie de Dom Quixote brasileiro, enquanto ele percorre diversas cidades mineiras.

Em 1944, mudou-se para o Rio de Janeiro. Nessa época, ele se tornou colaborador regular do jornal “Correio da Manhã”. Em 1946, formou-se em Direito e teve a oportunidade de conhecer Vinicius de Moraes, grande poeta brasileiro e um dos fundadores do movimento revolucionário na música brasileira chamado de bossa nova. Fernando Sabino, além de poder conhecer e desenvolver uma grande amizade com o poeta, embarcou ao lado de Vinicius de Moraes para os Estados Unidos. Além disso, publicou a sua nova obra, a novela *A marca*.



Fernando Sabino– Fonte: Acervo de Escritores Mineiros – [Letras/UFMG](#).

Inserido em Nova York, trabalhou no Escritório Comercial do Brasil e, posteriormente, no Consulado Brasileiro. Durante esse período, ele escreveu crônicas sobre a vida dos estadunidenses, publicadas em periódicos brasileiros, como “O Jornal” e “Diário Carioca”, que foram transcritas por diversos jornais em todo o país. Além disso, Sabino realizou uma série de entrevistas com o famoso artista Salvador Dalí e fez reportagens sobre o pintor Lasar Segall.

Após retornar ao Brasil, em 1948, Fernando Sabino assumiu o cargo de escrivão da Vara de Órfãos e Sucessões, enquanto escrevia para o “Diário Carioca”. No ano seguinte, em 1949, ele colaborou com diversos jornais e com a revista “Manchete”.

Em 1956, Sabino lançou o romance *O encontro marcado*, que se tornou um sucesso tanto entre críticos quanto entre o público. A obra também foi adaptada para o teatro no Rio de Janeiro e em São Paulo. No ano de 1959, Fernando Sabino participou do lançamento do livro em Lisboa. Posteriormente, em 1962, o livro foi publicado na Alemanha.

A narrativa acompanha a jornada de um jovem em busca de si mesmo e da verdadeira razão de sua existência. Ao longo da história, o leitor é levado a passear pelas ruas de Belo Horizonte, conhecendo um pouco das gerações que marcaram a cidade.

É uma narrativa que explora a adolescência e juventude. Através das experiências do jovem escritor Eduardo Marciano, o livro aborda temas como prazeres efêmeros, desespero, cinismo, desencanto, melancolia e tédio. Eduardo amadurece em um mundo desorientado e sua busca incessante pela felicidade o leva a questionar a existência de Deus. A obra nos convida a refletir sobre as complexidades da vida e a busca por significado.

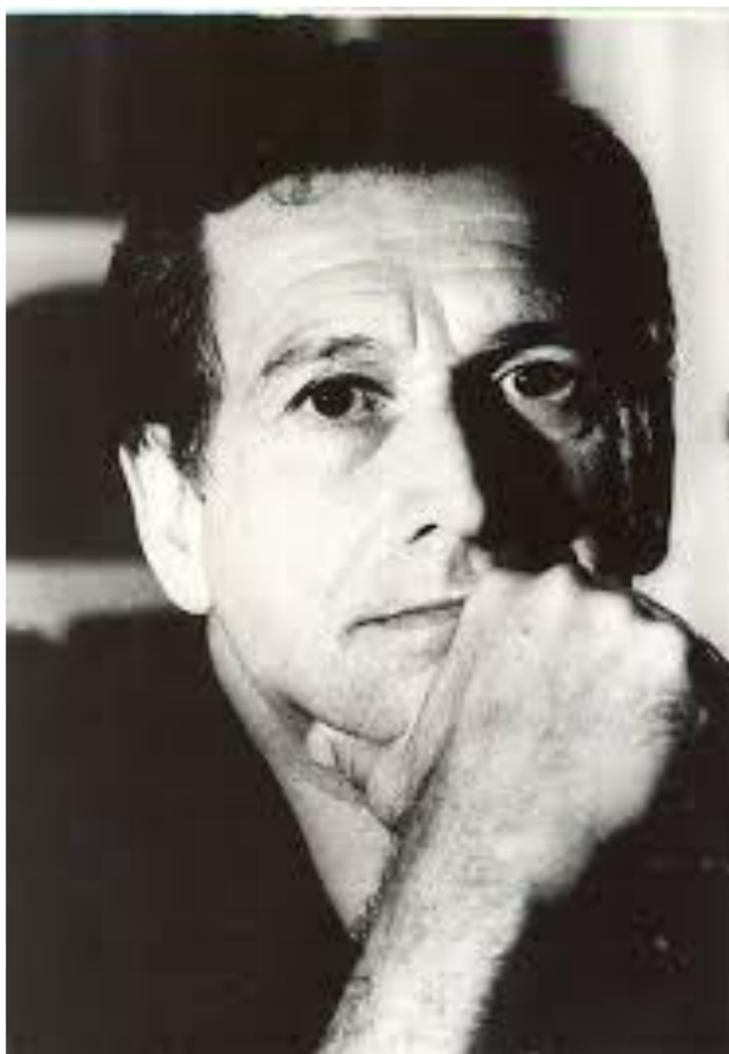
Em 1957, pediu exoneração do cargo no cartório e decidiu viver exclusivamente da literatura. Assim, três anos depois, foi para Cuba como correspondente do “Jornal do Brasil”. Durante esse período, fez reportagens sobre a revolução cubana. Além disso, com o livro *A revolução dos jovens iluminados*, inaugurou a “Editora do Autor”, fundada em sociedade com Rubem Braga e Walter Acosta, dois grandes escritores brasileiros. Em 1964, durante o governo de João Goulart, Fernando Sabino assumiu o cargo de adido cultural na Embaixada do Brasil em Londres. Nessa função, ele representava o Brasil no exterior, promovendo nossa cultura e estabelecendo conexões com a comunidade artística e intelectual britânica.

Mais tarde, em 1965, se desfez da sociedade mediante um desentendimento entre os três diretores, quando houve uma divisão da editora. Em 1966, voltou às terras brasileiras e vendeu sua parte da “Editora do Autor” para fundar a “Editora Sabiá”, ao lado de Rubem Braga, vendida anos mais tarde para a editora “José Olympio”.

Durante esse período, escreveu o argumento, roteiro e diálogos para o filme “O Homem Nu” (1966), baseado em seu próprio conto intitulado *A nudez da verdade*. O filme foi dirigido por Roberto Santos e teve Paulo José no papel principal. A comédia narra as confusões vividas pelo professor de música folclórica Sílvio Proença, que acidentalmente fica trancado do lado de fora de seu apartamento.

Ele foi efetivado no cargo de redator no Serviço Público da Biblioteca Nacional e, posteriormente, na Agência Nacional. Sua tarefa incluía a criação de textos para filmes de curta-metragem. Em 1972, Sabino fundou a “Bem-Te-Vi Filmes”, uma produtora cinematográfica. Em 1975, deixou o vínculo com o “Jornal do Brasil”, no qual permaneceu 15 anos. A partir de 1977, começou a publicar uma crônica semanal chamada “Dito e Feito”, no jornal “O Globo”. Essas crônicas também foram reproduzidas em outros jornais, incluindo o “Diário de Lisboa” e cerca de outros oitenta jornais no Brasil.

Fernando Sabino faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 11 de outubro de 2004.



Fernando Sabino – Fonte: [EBiografia](#).

## Prêmios e Reconhecimento

- *Prêmio Fernando Chinaglia* (1962): recebeu esse prêmio do Pen Club do Brasil pelo livro “A Mulher do Vizinho”;
- Duas vezes vencedor do *Prêmio Jabuti* (1980 e 2002), da Câmara Brasileira do Livro;
- Recebeu o *Prêmio Golfinho de Ouro* na categoria de Literatura, concedido pelos Conselhos Estaduais de Educação e Cultura do Rio de Janeiro;
- Em 1985, foi condecorado com a *Ordem do Rio Branco* no grau de Grã-Cruz pelo governo brasileiro;
- Em 1989, o filme “O Grande Mentecapto” foi premiado no *Festival Internacional de Gramado*;
- *Prêmio Machado de Assis* (1999), da Academia Brasileira de Letras.



Sabino com a primeira edição de “Encontro marcado” – Fonte: [Quatro Cinco Um](#).

## Outras obras

- *O menino no espelho* (1982);
- *A faca de dois gumes* (1985);
- *O bom ladrão* (1991);
- *Martini seco* (1987);
- *Cartas perto do coração* (2001);
- *O outro gume da faca* (1996).

## Frases de Fernando Sabino

Essas são frases profundas e reflexivas extraídas do romance *O Encontro Marcado*. Cada uma delas nos convida a pensar sobre a vida, a verdade e a nossa própria existência. Aqui estão algumas dessas citações:

- “É preciso ver a realidade que se esconde além, onde a vista não alcança.”
- “Quem fala em sangue, e não está sangrando, é um impostor.”

- “A consciência é inútil sem uma convicção adquirida.”
- “Não somos donos de verdade nenhuma, temos de buscá-la fora de nós.”
- “Às vezes é mais importante perguntar do que ouvir a resposta.”
- “Na literatura, como na natureza, nada se cria e nada se perde: tudo se transforma.”
- “O suicida é aquele que perdeu tudo, menos a sua vida.”

## Uma crônica

Sabemos que é importante reconhecer que a nudez pode ser uma experiência desconfortável para muitas pessoas. Ela nos coloca em um estado de vulnerabilidade, expondo nossos corpos e, às vezes, até nossas emoções. A sociedade frequentemente impõe padrões e tabus relacionados à nudez, o que pode afetar nossa autoimagem e autoestima. Por isso, Fernando Sabino trouxe uma reflexão em seu livro de crônicas “O Homem Nu”.

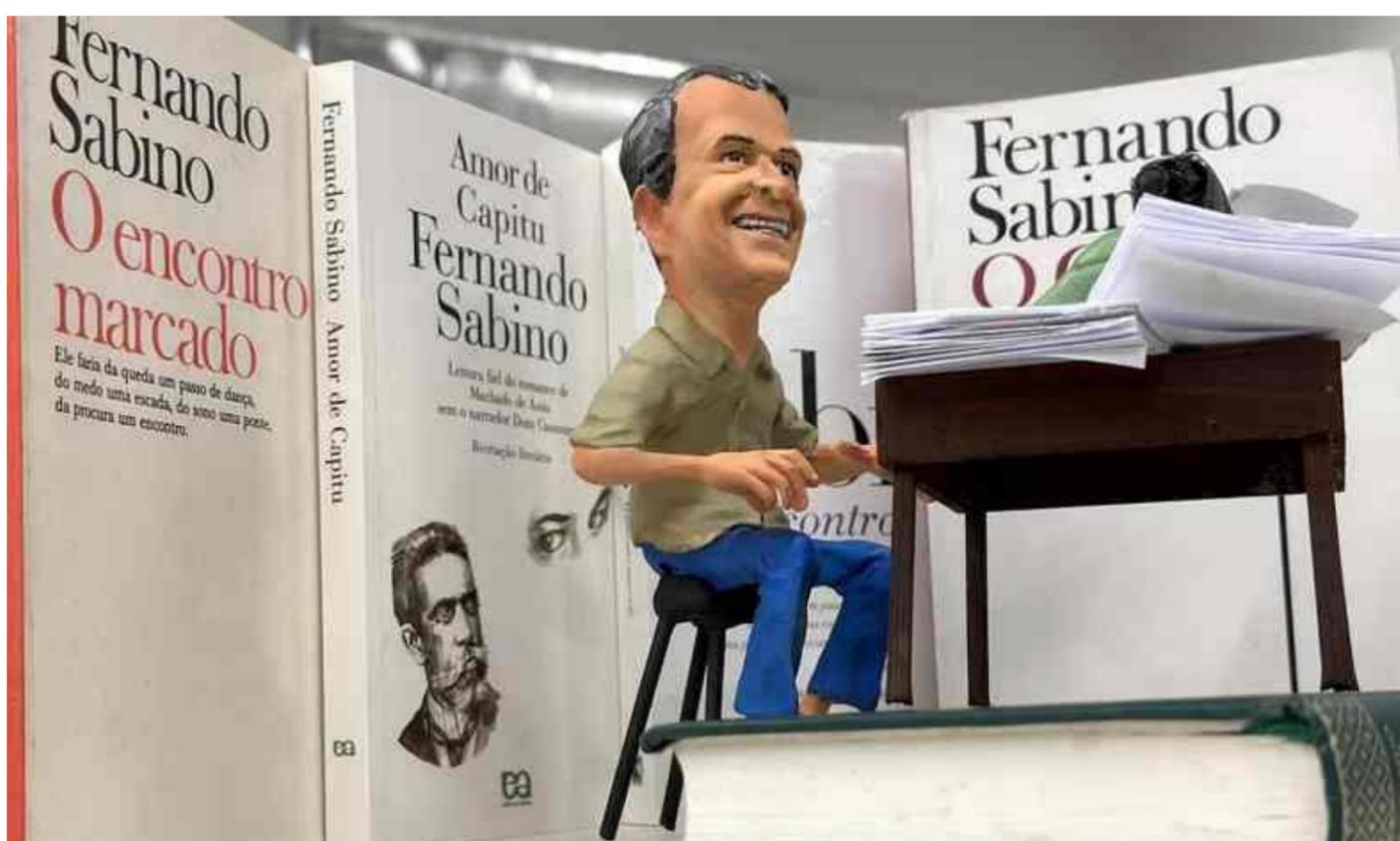
Tudo começa quando o protagonista acorda e percebe que está nu. Ele está em casa, mas logo algo começa a dar errado. Após alguns eventos, ele se dá conta de que está preso no elevador do prédio, completamente despido. A situação é surreal e constrangedora.

O homem nu entra em pânico. Ele teme ser visto pelos vizinhos, pelo cobrador da televisão e por qualquer outra pessoa que possa aparecer. Sua mente corre em busca de soluções, mas todas parecem impossíveis.

E passa horas no elevador, tentando evitar ser descoberto, se sente vulnerável, mas também percebe o absurdo da situação. No final, é resgatado, mas a experiência o faz refletir sobre a própria vida e as máscaras que todos usamos.

Em resumo, “O Homem Nu” é uma crônica que nos faz rir, mas também nos leva a pensar sobre nossa própria nudez emocional, nossos medos e a maneira como nos relacionamos com os outros. É uma história que nos lembra que todos somos humanos, com nossas fragilidades e peculiaridades.

Enfim, Fernando Tavares Sabino foi um escritor bastante renomado: sua contribuição para a literatura brasileira é inestimável e suas obras continuam a encantar leitores até hoje. Com certeza, o seu centenário foi uma ótima oportunidade para repensarmos sua influência e apreciarmos a sua escrita. É um dos grandes escritores brasileiros e deixou um legado literário inspirador.

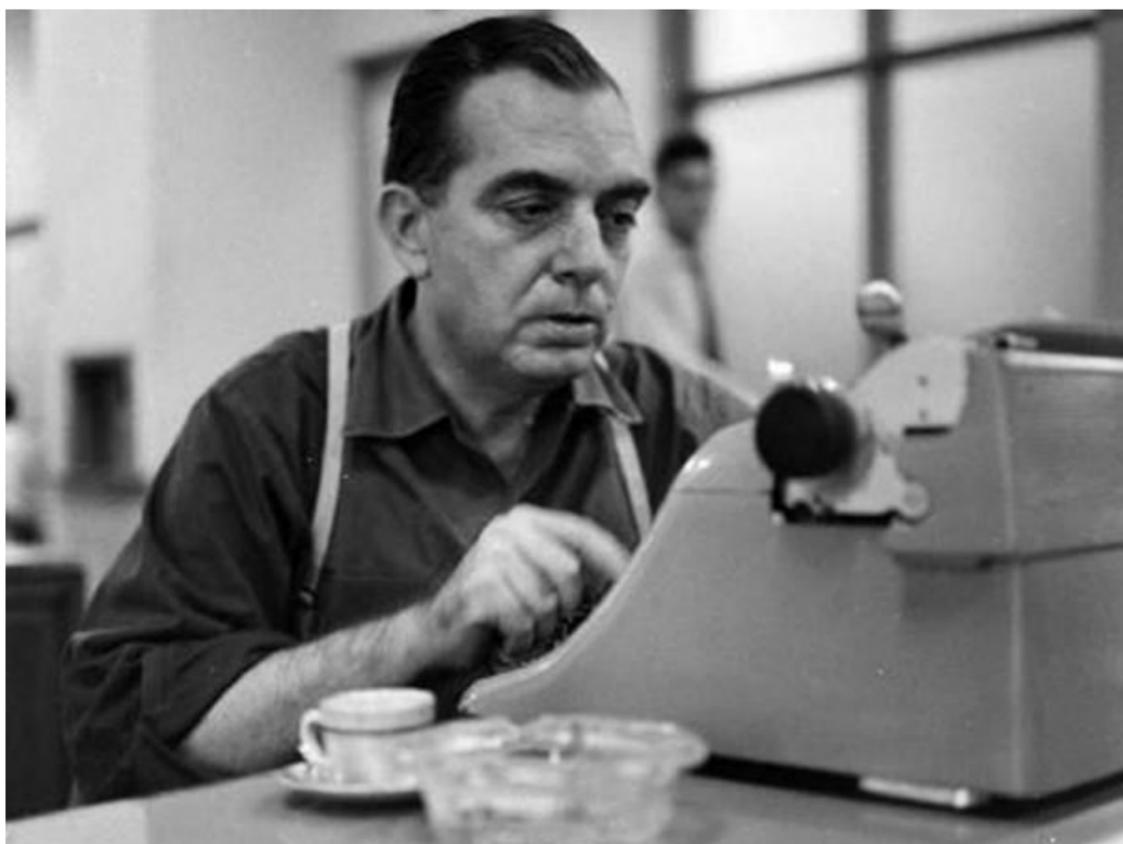


Escultura estilizada de Fernando Sabino, criada por Marco Prata – Fonte: [Jornal Estado de Minas](#).

# “Todo amor é eterno e, se acaba, não era amor”, Nelson Rodrigues

João Vitor Cordeiro Gomes

**N**elson Rodrigues é conhecido e lembrado como um dos principais dramaturgos famosos por suas obras, que muitas vezes possuíam críticas de costumes, visão do cotidiano, linguagem coloquial, tom irônico, presença de gírias, diálogos dinâmicos, monólogo interior e elementos grotescos. Ele nasceu em 23 de agosto de 1912, na cidade de Recife, em Pernambuco, mas se mudou para o Rio de Janeiro com a família quando tinha apenas cinco anos. Seus pais são Maria Esther Falcão e Mário Rodrigues.



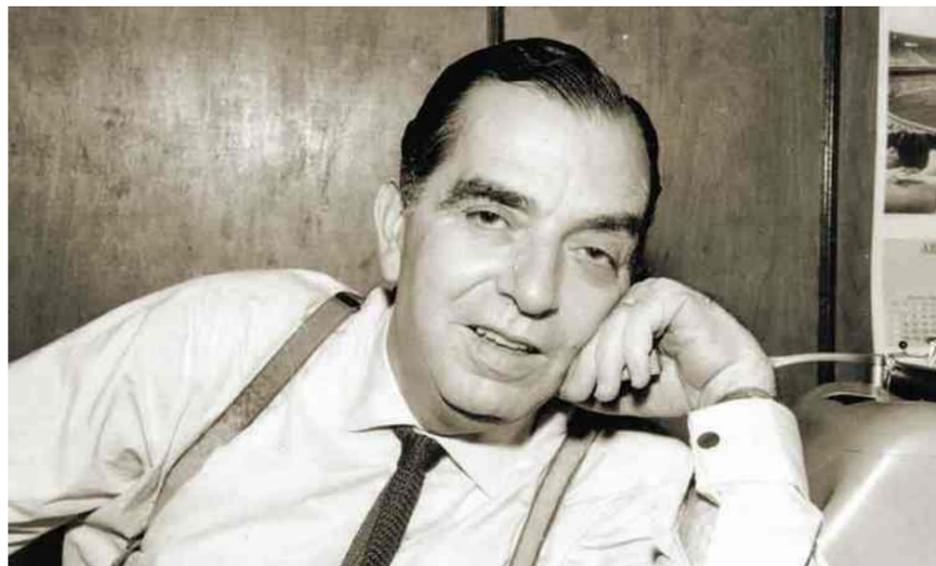
Nelson Rodrigues – Fonte: [Teatro em Escala](#).

Seu pai, junto com um sócio, fundou um jornal chamado “A manhã”. Quando Nelson Rodrigues completou 13 anos, começou a trabalhar no jornal de seu pai, como repórter policial. No entanto, em 1929, Mário perdeu seu jornal para o sócio e fundou outro, chamado “Crítica”.

Nesse mesmo ano, a tragédia veio sobre a família. O irmão do jornalista, Roberto Rodrigues, foi assassinado. Com esse ocorrido, Mário Rodrigues se entregou ao alcoolismo e logo veio a falecer, em 1930. Além disso, meses depois, o jornal foi fechado, na época do governo de Getúlio Vargas.

Assim, a família enfrentou grandes dificuldades financeiras, além de Nelson Rodrigues ter descoberto que possuía tuberculose e perder um irmão para a doença, em 1936. Nesse mesmo ano, o escritor começou a escrever sobre futebol para o “Jornal dos Sports”.

Logo, no ano de 1940, casou-se com Elza Bretanha, com quem viveu até 1963, quando se separou para morar com Lúcia Cruz Lima durante os próximos oito anos. Já em 1941, sua primeira peça teatral, *A mulher sem pecado*, foi encenada. Contudo, o reconhecimento chegou só dois anos depois, quando estreou sua peça *Vestido de noiva*. Em 1944, Nelson Rodrigues, que também era romancista, assinou o livro *Meu destino é pecar* com seu pseudônimo Suzana Flag. No ano de 1946, escreveu *Álbum de família*, que trata de um incesto, a obra foi censurada e só foi liberada duas décadas depois.



Nelson Rodrigues – Fonte: Douglas Alexandre/O Cruzeiro – Notícias E+.

Em 1951, o jornalista Samuel Wainer fundou o jornal “Última Hora”, no qual muitos dos irmãos de Nelson Rodrigues trabalharam, incluindo as mulheres, e foi nele que Nelson publicou *A vida como ela é*, uma série de crônicas escritas na coluna diária do jornal.

Suas crônicas frequentemente abordavam temas tabus e controversos, com um estilo dramático e realista, muitas vezes comparado ao realismo sujo. Essas crônicas foram escritas durante períodos turbulentos da história do Brasil, como a ditadura militar, e capturaram as tensões e contradições da sociedade da época. Ele sempre se inspirava na vida cotidiana com a família e os relacionamentos, futebol, porque era sua paixão, e o contexto social e político, que não era nada fácil.

Nelson Rodrigues faleceu no dia 21 de dezembro de 1980, no Rio de Janeiro.

Em uma de suas crônicas, ele escreveu: “O ser humano é cego para os próprios defeitos. Jamais um vilão do cinema mudo proclamou-se vilão. Nem o idiota se diz idiota. Os defeitos existem dentro de nós, ativos e militantes, mas inconfessos. Nunca vi um sujeito vir à boca de cena e anunciar, de testa erguida:

– Senhoras e senhores, eu sou um canalha.”

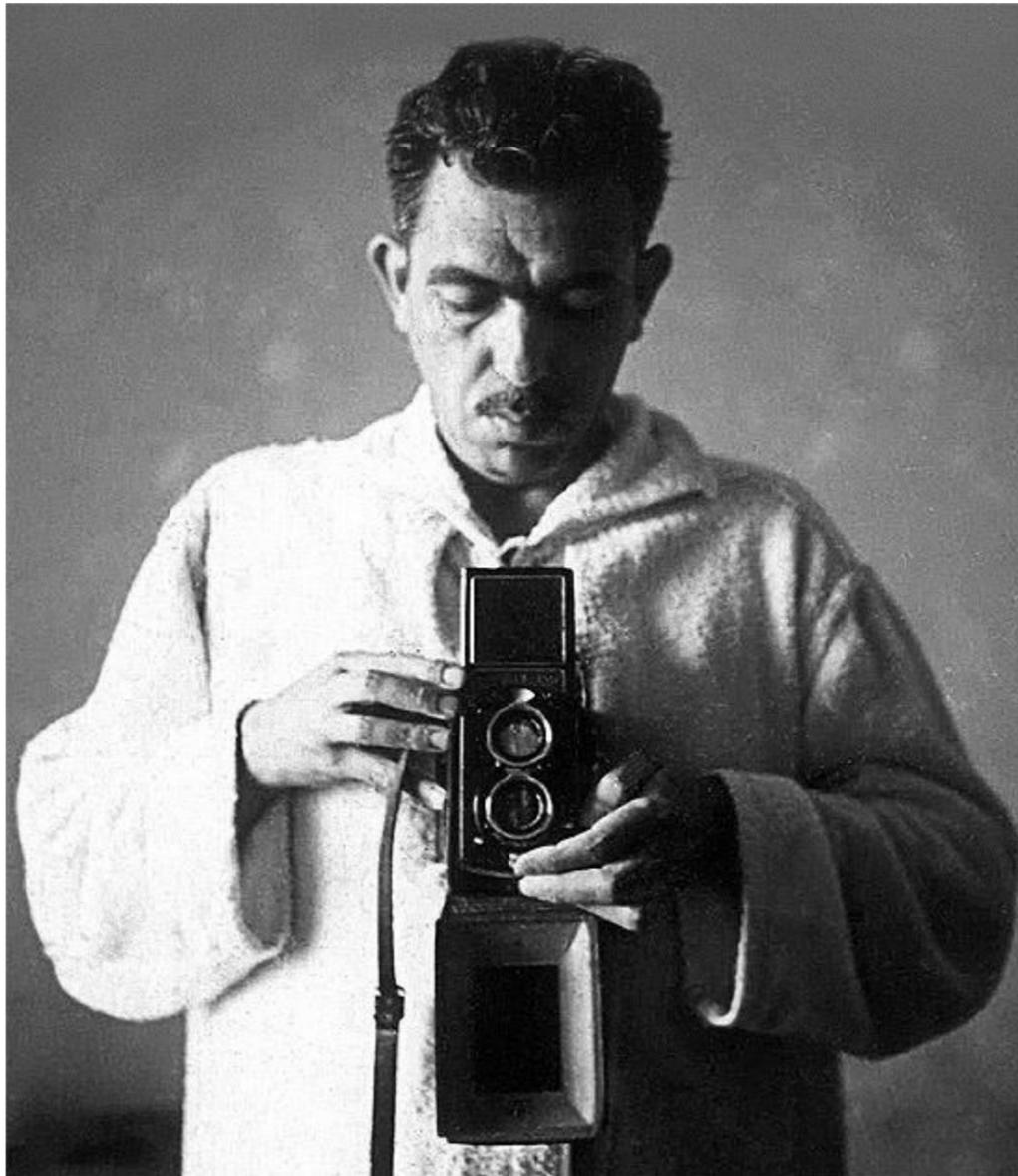


Nelson Rodrigues, torcedor tricolor – Fonte: Netflu.

# Uma história ou uma crítica disfarçada de crônica?

Cecília Valentine de Lima Carreiro de Souza

**R**ubem Braga, cronista brasileiro, famoso por suas críticas sociopolíticas, bem-mostradas em seu primeiro livro de crônicas, chamado *O conde e o passarinho*.

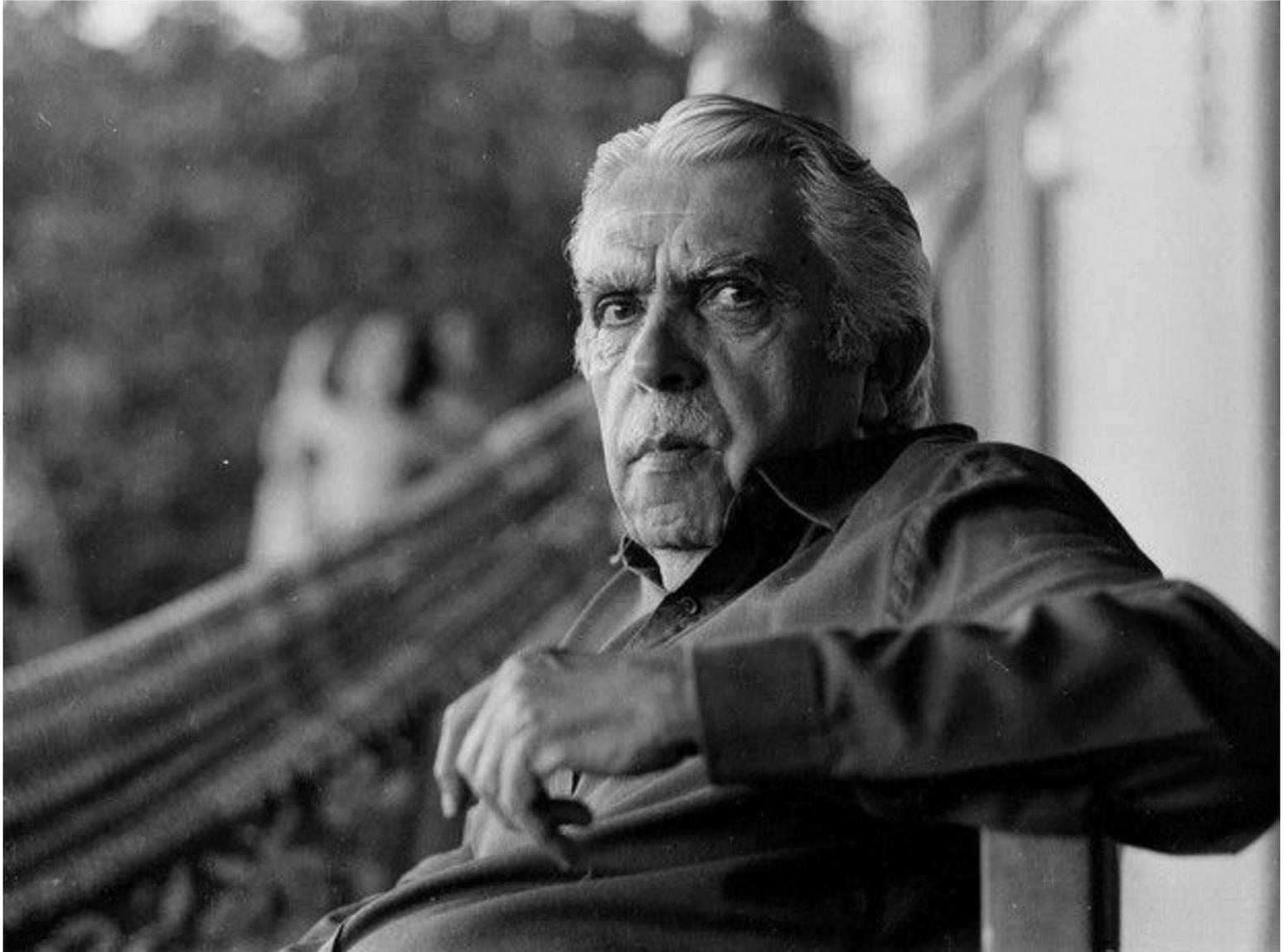


Rubem Braga – Fonte: [Alexandre Magno/Pinterest](#).

Conhecido como o maior cronista brasileiro do século 20, Rubem Braga nasceu no dia 12 de janeiro de 1913, em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo. Apesar de ter cursado Direito, Rubem não deixava de escrever suas crônicas. Suas primeiras escritas foram publicadas no jornal “Correio do Sul”. Ele trabalhou no ramo das notícias por um bom tempo até publicar seu primeiro livro de crônicas.

O cronista, que era casado com a militante comunista Zora Seljjan, não fazia parte do partido, mas militava fervorosamente na Aliança Nacional Libertadora. Porém, após ter um caso de amor platônico, decidiu mudar de vida, então, mudou-se de emprego e de cidade, indo embora para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Para a má sorte do escritor, foi o período da ditadura militar de Getúlio Vargas, enquanto o mundo se preparava para uma possível guerra.

Ao pôr a planta de seus pés na cidade, foi preso por suas crônicas que iam contra o regime, mas, graças ao dono do “Correio do Povo” e da “Folha da Tarde”, Breno Caldas, logo conseguiu sua liberdade. Também foi para a Itália cobrir os acontecimentos, como jornalista.



Rubem Braga – Fonte: [Sul Capixaba Notícias e Acontecimentos do Sul..](#)

A obra que trouxe sua fama foi *As memórias de infância*, as atividades da Força Expedicionária Brasileira, em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial.

O escritor era dedicado somente ao gênero crônica, geralmente trazia críticas sobre tudo o que achava injusto e errado aos seus olhos. Rubem usava de uma escrita irônica, bem-humorada e lírica, mas também sabia ser amargo como fel, fazendo uso de suas habilidades. Era implacável em defender seus pontos de vista. Sua escrita, bem-estruturada, abordava temas como a falta de liberdade que a imprensa tinha, críticas sociais, apontava injustiças e combatia governos autoritários.

Rubem morreu em 19 de dezembro de 1990, mas suas crônicas marcaram muitas pessoas e, apesar do passar dos anos, algumas de suas críticas duram até os dias de hoje.



Rubem Braga – Fonte: [Onda 21.](#)

# “Ambíguo, eu? Pode ser, pode não ser”, Millôr Fernandes

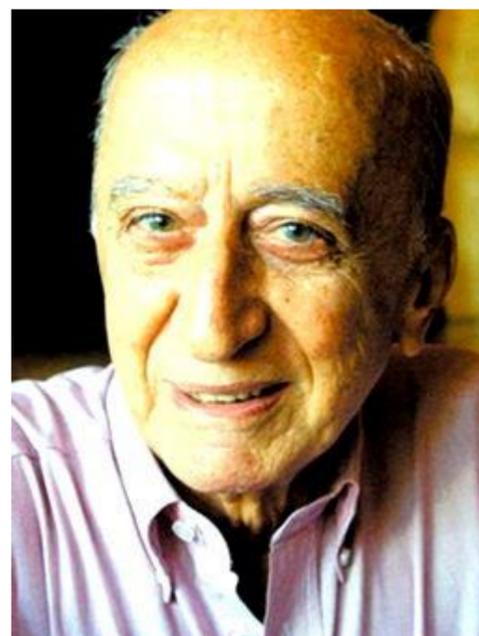
Letícia Corsini

**M**illôr Fernandes foi um desenhista, humanista, tradutor, escritor e dramaturgo brasileiro. Era um artista com múltiplas funções. Escreveu colunas de humor para as revistas “O Cruzeiro” e “Veja”, para o tabloide “O Pasquim” e para o “Jornal do Brasil”.

Millôr Viola Fernandes nasceu no bairro Méier, no Rio de Janeiro, no dia 16 de agosto de 1923. Era filho do engenheiro Francisco Fernandes, um imigrante espanhol, e de Maria Viola Fernandes. Deveria ter se chamado Milton, mas a caligrafia do tabelião o fez Millôr. Ficou órfão de pai com 2 anos, viveu a infância com a mãe e os irmãos Hélio, Judith, e Ruth, que enfrentavam dificuldades financeiras.

Aos 12 anos, perdeu a mãe e os irmãos se separavam e foi morar com um tio materno. Nessa idade, já demonstrava habilidade significativa para desenhos.

Incentivado pelo tio Antônio, Millôr levou seus desenhos para “O Jornal”, assim, com 15 anos, conseguiu seu primeiro emprego na revista “O Cruzeiro”, de Assis Chateaubriand. Para aperfeiçoar na sua especialidade, matriculou-se no Liceu de Artes e Ofícios.



Millôr Fernandes – Fonte: [EBiografia](#).

A primeira oportunidade de exibir seu talento foi com a convocação para preencher o espaço vago de publicidade em uma página da revista “A Cigarra”. Deu como nome da página “Poste-Escrito”, que fez sucesso e virou uma coluna fixa na revista. Ele assinava a coluna com o nome de “Vão Gôgo”.

No começo dos anos 40, entre 1945 e início dos anos 60, começou a assinar a coluna “O Pif-Paf” para a revista “O Cruzeiro”, junto com o cartunista Péricles.

Em 1956, como desenhista, dividiu o primeiro lugar com o americano Saul Steinberg, num concurso na Exposição Internacional do Museu da Caricatura de Buenos Aires.

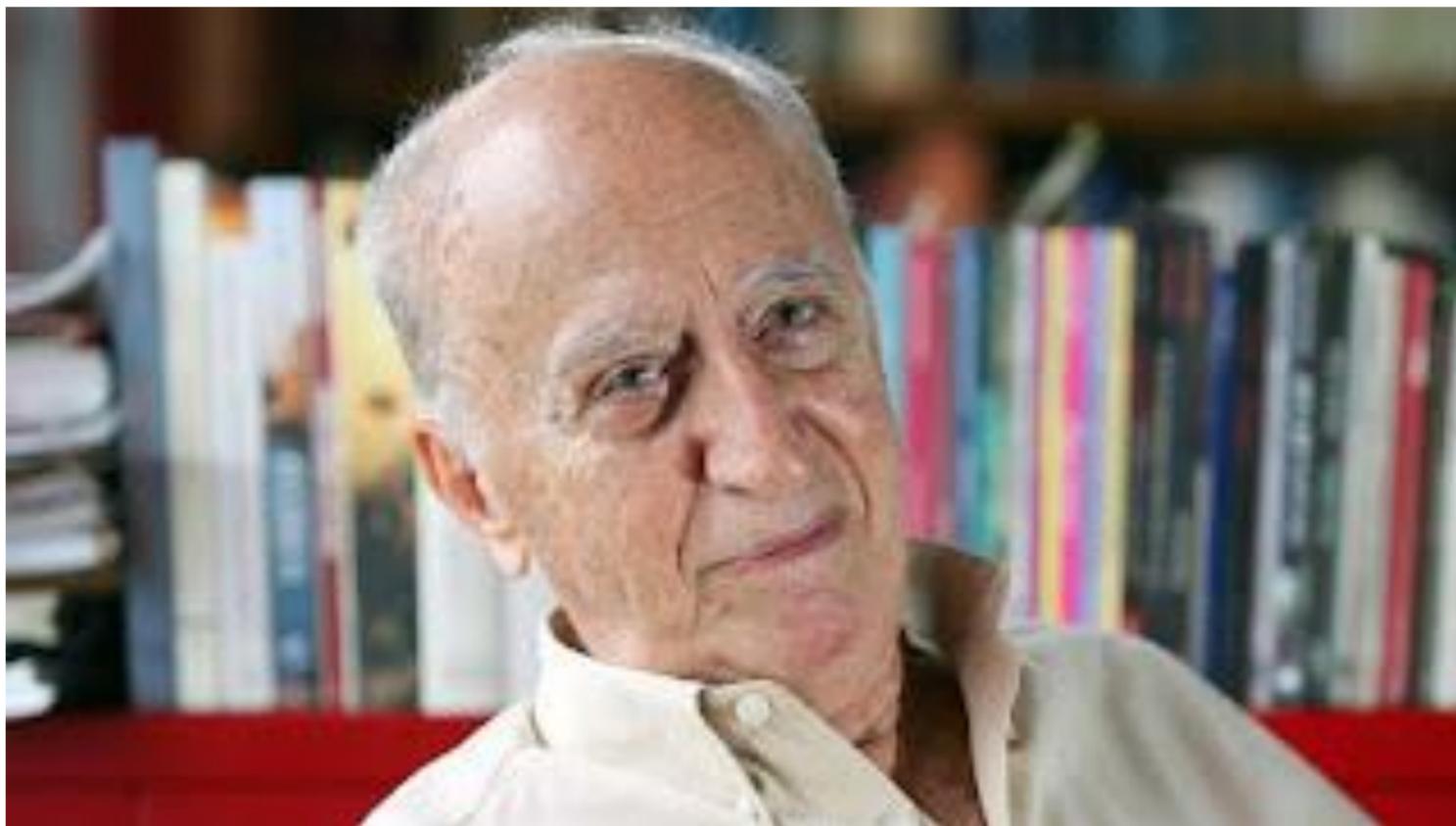
No ano seguinte, organizou uma exposição individual com seus desenhos e pinturas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Sua coluna “O Pif-Paf”, que virou revista, em breve se tornou um dos carros-chefes da maior publicação nacional do período. Com confiança, em 1962, assumiu seu nome de certidão.

Em 1963, publicou em *O cruzeiro*, uma versão da história de Adão e Eva, despertando a ira religiosa dos leitores, e gerou sua demissão, acusado de “insultos às convicções religiosas do povo brasileiro”.

Além de seu espírito provocador, suas ilustrações estavam repletas de humor e criatividade.

Em 1968, passou a publicar seu trabalho na revista “Veja”. Nesse mesmo ano, ajudou a criar “O Pasquim”. O Jornal durou 8.173 dias.

Em 1970, os responsáveis pela editoria do tabloide “O Pasquim” foram presos. Em 1971, Millôr assumiu a presidência do Pasquim, que estava submetido à censura prévia. A liberação veio em 1975.



Millôr Fernandes – Fonte: [Blog Academia internacional Poetrix](#).

Ainda foi colunista da revista “Isto é, Senhor”, do “Jornal do Brasil” e do “Estado de São Paulo”, entre outros, além de escrever peças teatrais, crônicas e diversos livros.

Ele foi casado com Wanda Rubino entre 1948 e 2012. Com ela, teve os filhos Ivan e Paula. Em 2011, sofreu um AVC que lhe deixou bastante debilitado e permaneceu um longo período no hospital. Millôr faleceu em sua casa em Ipanema, Rio de Janeiro, no dia 27 de março de 2012, aos 88 anos.

### **Conheça um pouco da crônica *O rei dos animais***

A crônica “O rei dos animais” foi escrita de forma a parecer uma fábula e conta a história de um leão que, mesmo sabendo que é considerado o rei das selvas, decide perguntar aos outros animais para confirmar sua realeza.

Ele recebe respostas positivas de todos, exceto do elefante, que o lança longe quando questionado. No final, a interpretação do leão para a atitude do elefante causa surpresa, porém, demonstra muito sobre o personagem (e o tipo de pessoas retratadas por meio dele).

A moral da história nos ensina sobre a importância da humildade, do autoconhecimento e do respeito pelas habilidades dos outros. Mostra que devemos confiar em nossas próprias capacidades, sem dependermos exclusivamente da opinião alheia, e reconhecer que sempre haverá alguém mais forte ou talentoso do que nós. É uma reflexão sobre a importância de ser verdadeiro consigo mesmo e respeitoso com os demais.

# Entre palavras e personagens, está Stanislaw Ponte Preta

Vitória Américo



Sérgio Porto – Fonte: [BBC News Brasil](#).

**C**ronista, escritor, radialista, comentarista, teatrólogo, jornalista, humorista e compositor, *Sérgio Marcus Rangel Porto*, mais conhecido como *Stanislaw Ponte Preta*, fez seu nome em muitas profissões, mas sua presença foi marcada principalmente na literatura nacional por meio de seus livros de paródia e humor.

Sérgio nasceu no dia 11 de janeiro de 1923 e foi criado na mesma cidade por seus pais, Américo Pereira da Silva Porto e Dulce Julieta Rangel Porto. Desde sempre, ele se mostrou uma criança alegre, descobrindo cedo sua vocação para a arte, através do humor.

Antes de a literatura humorística chegar à vida de Sérgio, ele esteve envolvido em “um pouco de tudo”, tendo feito faculdade de Arquitetura por três anos, mas deixando o curso por um trabalho no Banco do Brasil – onde ficou por 15 anos. A carreira jornalística veio quando ele ainda era bancário, com reportagens policiais e sendo comentarista esportivo. Stanislaw passou pela revista “Sombra”, pelos jornais “Diário Carioca” e “Tribuna da Imprensa” – no mesmo ano em que se casou, em 1952. Até que, em 1954, Sérgio iniciou o estilo satírico, quando trabalhava no jornal diário “Última Hora”. No mesmo ano, ele começou a trabalhar na rádio “Mayrink Veiga”, onde ficou por oito anos.

Stanislaw também esteve colaborando com outros escritores em sua carreira, como Nestor de Holanda, na revista teatral “TV para crer”, em 1956, e “Quem comeu foi Pai Adão”, no ano seguinte, junto de Luís Iglesias.

## Uma crônica por Sérgio Ponte Preta



“O homem ao lado” – Fonte: [Magalu](#).

*O homem ao lado*, lançado em 1958, foi o primeiro livro de crônicas de Sérgio Porto. O livro, que apresenta uma série de crônicas escritas com humor e perspicácia, nos conta histórias do cotidiano de um carioca.

O que fazer diante das lágrimas de um desconhecido ao nosso lado? A crônica que dá nome ao primeiro livro de Sérgio nos leva à mente a imagem de um homem que se encontra em tal situação.

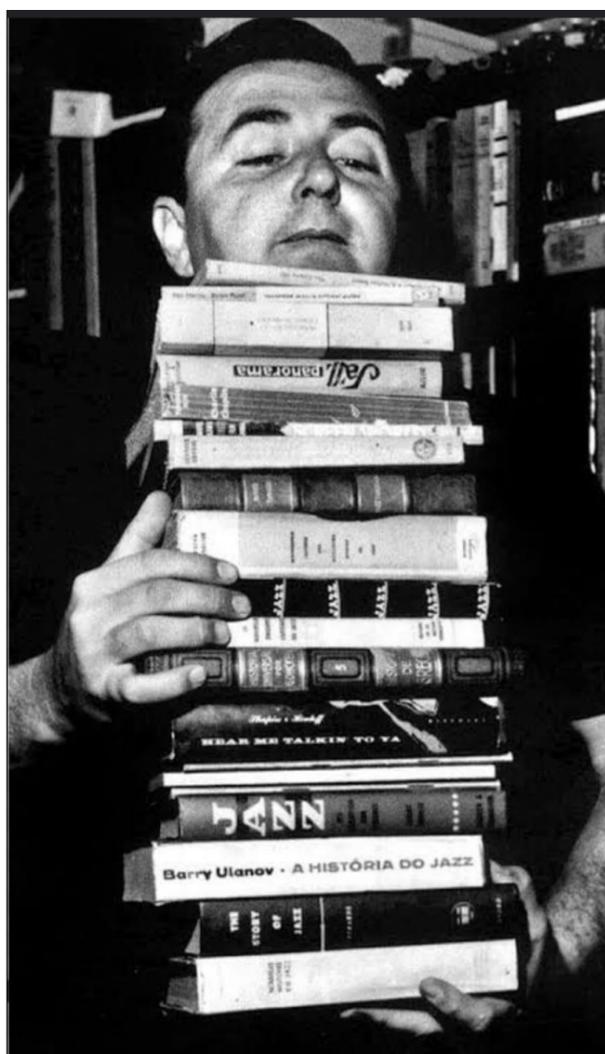
Ao ler a crônica, nos deparamos com um carioca que se vê sendo o único a prestar atenção no passageiro que se derramava em lágrimas, ali mesmo, sentado no banco do ônibus que rodava pelo asfalto da praia de Botafogo. Como qualquer outra pessoa, ele não sabia o que fazer, como e se sequer deveria ajudar. Todas as outras pessoas estavam apenas vivendo suas próprias vidas, alguns interagiam entre si e outros permaneciam tão distantes quanto ele, imersos em suas próprias mentes. Um vislumbre de nossa realidade, podemos ver.

A crônica nos traz reflexões sobre o comportamento de um homem quando o personagem nota a dignidade do estranho, mesmo enquanto chorava, lembrando-se assim de sua resposta para uma pergunta há muito feita a ele (“Um homem que não chora tem mil motivos para chorar?”), desde por um amigo perdido até por solidariedade.

Em frente a uma casa de flores, o homem, que agora não mais chorava, pede para que o motorista pare; e o homem que até então o observava se torna ciente do quão curioso era o fato de aquele ser o ponto de desembarque dele também.

Acompanhamos a decisão do homem de seguir o outro quando ele entrou na casa de flores. O vaso de rosas apontado pelo vendedor quase o fez sorrir, uma grande mudança em comparação às lágrimas de antes.

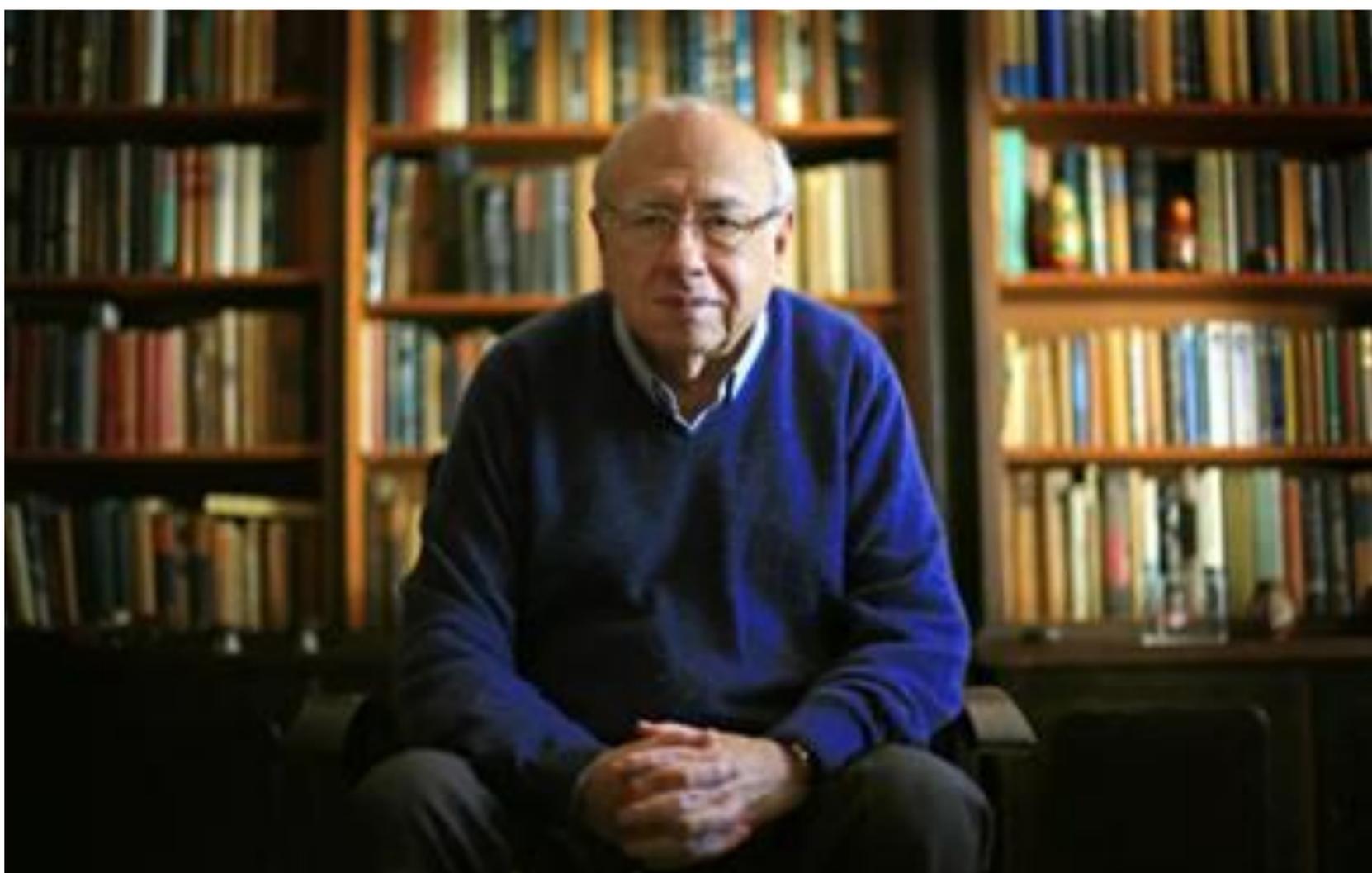
Somos levados ao desfecho da história quando o homem que antes chorava declara que já havia chorado o suficiente e que não estaria lá para ver a coroa.



Stanislaw Ponte Preta – Fonte [Folha de São Paulo](#).

# De muitos trabalhos a que se dedicou, destacou a escrita com humor e críticas em crônicas

Sofia Vitória Lopes



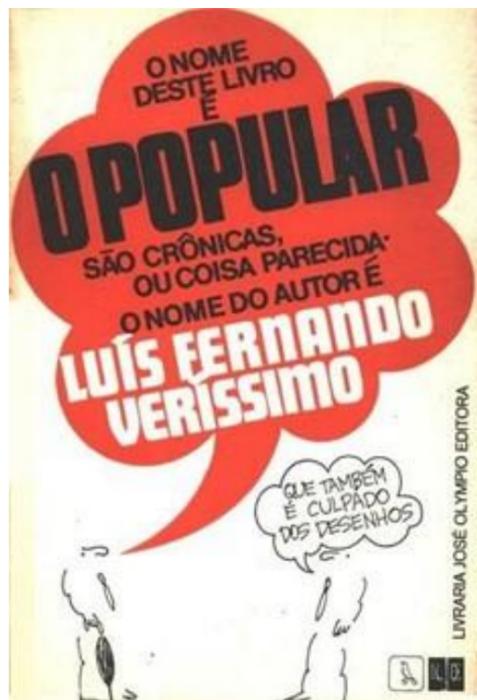
Luis Fernando Veríssimo – Fonte: UOL.

“Pensei vagamente em estudar arquitetura, como todo o mundo. Acabaria como todos que eu conheço que estudaram arquitetura, fazendo outra coisa. Poupei-me daquela outra coisa, mesmo que não tenha me formado em nada e acabado fazendo esta estranha outra coisa, que é dar palpites sobre todas as coisas.”

Escritor, cartunista, jornalista, tradutor, roteirista de programa e músico e por muitos conhecido pelas crônicas humorísticas e famosos contos, *Luis Fernando Veríssimo* nasceu no ano de 1936, em Porto Alegre, e é filho de outro escritor famoso, Érico Veríssimo, e de Mafalda Volpe.

Quando criança, viveu por um tempo nos Estados Unidos (durante 1941 e 1945), por causa do trabalho do pai, que lecionou Literatura Brasileira em universidades por lá. Então, estudou e foi alfabetizado em São Francisco. Em 1953, seu pai assumiu a direção do Departamento Cultural da União Pan-Americana, enquanto isso, Luis desenvolveu gosto pela música,

em específico pelo jazz, tendo aulas de saxofone no Roosevelt High School até 1956. Participou, em 1960, do grupo musical *Renato e seu Sexteto*, que se apresentou profissionalmente em Porto Alegre.



“O popular”– Fonte: [Livraria Traça](#).

Luis Fernando Veríssimo se tornou jornalista e, chegando em sua cidade, trabalhou na Editora Globo. Após esse trabalho, em 1962, ele foi para o Rio de Janeiro e trabalhou como redator e tradutor publicitário. No ano seguinte, casou-se com Lúcia Helena Massa, com quem constituiu família, tendo três filhos. Logo que voltou a Porto Alegre, ingressou no jornal “Zero Hora”, onde revisava textos. Mais adiante, em 1969, assinou a própria coluna diária e redigiu a agência de publicidade MPM Propaganda. Também trabalhou no jornal “Folha da Manhã”, no qual escrevia um pouco de tudo. Em 1971, criou o semanário alternativo “O Pato Macho”, que trazia seus textos humorísticos, cartuns, crônicas e entrevistas.

Veríssimo é um escritor muito renomado. Já publicou vários livros, como coletâneas de textos, romances e contos, mas, em sua maioria, se tratava de crônicas, sendo o seu primeiro livro, em 1973, *O popular*, composto por crônicas e alguns cartuns baseados

em notícias de jornais, para dar a ideia de quem seria o popular, mostrando que é quem está às margens dos acontecimentos, que tem conhecimento e está representado como uma figura típica urbana.

Um de seus outros livros é o famoso conjunto de crônicas *A grande mulher nua* (1975), além do livro *Ed Mort e outras histórias* (1979), que traz crônicas com um foco em um personagem que é um detetive, que se tornou um dos mais famosos e conhecido pelos trocadilhos, principalmente com o nome do personagem. Quando foi para Nova York, aproveitou e publicou o livro “Traçando Nova Iorque” (1980-1981). No mesmo ano, com a sua volta ao Brasil, na Feira do Livro de Porto Alegre, não deixou de lançar outra obra: *O analista de Bagé* (1981), a qual se esgotou em dois dias. Também escreveu *A velhinha de Taubaté* (1983) e *Comédias da vida privada*, que inspiraria uma futura minissérie de TV.

Apesar de todos os livros que escreveu (e de terem lhe tornado mais famoso), ele, como jornalista, chegou a escrever na primeira coluna do jornal “Estado de São Paulo”, a trabalhar no “Jornal do Brasil” e foi redator da revista “Veja”, além de muitos outros trabalhos importantes no ramo jornalístico. Com todas as suas obras, ele trazia um toque diferenciado e, quando possível, adicionava um pouco de humor e algumas críticas, que geralmente ficam implícitas, sendo sua característica nos textos. Além de que, em seus textos, ele dava um realce na escrita de forma a permitir que o tom se diferenciasse em cada narrador criado, fossem ele criança ou adulto.

O seu gosto por jazz na infância trouxe grande influência, trazendo a musicalidade para sua vida, tanto que até integrou grupos musicais e pode produzir CDs, participando, em 1960, do grupo já mencionado (*Renato e seu Sexteto*) e de outro conjunto mais recente, o Jazz 6, em que ingressou no ano de 1995.

Com tamanho esplendor em suas obras, não poderia ficar de fora de premiações e homenagens, que não são só nacionais, pois teve exemplares traduzidos para mais de 10 países e por seus textos serem usados muitas vezes como referência, principalmente para estudantes. Em uma das homenagens, havia 92 artistas, entre cartunistas, chargistas, quadrinistas e ilustradores, todavia, ele é quem foi escolhido para fazer parte dos imortais da Academia



Caricatura – Fonte: [Templo Cultural Delfos](#).

Brasileira de Letras (que são 40 pessoas selecionadas por suas produções literárias, tornando-as sócias, efetivas e perpétuas, sendo chamados assim porque “não tinham onde cair mortos” e por terem contribuído para a cultura brasileira).

Veríssimo tem muitas crônicas que trazem o humor e a crítica de situações (por muitas vezes diárias), por isso, não poderia deixar de escrever sobre uma delas.



Veríssimo e seu saxofone – Fonte: [Templo Cultural Delfos](#).

### **Como as mulheres dominaram o mundo**

Nesta crônica, pai e filho conversam enquanto estão descascando batatas por ordem da esposa (e mãe), que está fora de casa. O pai conta sobre como as mulheres dominaram o mundo, dizendo que elas “planejaram o negócio discretamente, para que não” notassem.

Tudo começou com a luta pela igualdade “entre os sexos”, quando os homens, “bobos”, não ligaram muito. Acharam que era um tipo de brincadeira. Mas cargos estratégicos foram conquistados, até o gabinete do presidente do maior país do mundo: Estados Unidos.

Sem que os homens percebessem, as mulheres usavam códigos: “oi, querida!” identificava as líderes do movimento, “celulite” eram os grupos da organização, o “regime” significava os maridos e assim por diante.

O que os homens faziam? Viviam: jogavam futebol, por exemplo. E ajudava as mulheres carregando malas, abrindo potes etc. Como elas diziam: “essas coisas de homem”.

Com planejamento e bastante cuidado, realizaram o maior golpe do mundo e tomaram o poder enfraquecendo o presidente daquele país. Dali em diante, a Casa Branca ficou rosa. Surgiu o Big Betty na Inglaterra. E diversas outras mudanças ocorreram no mundo, como a promulgação da “lei do já-pra-casa”, que passou a proibir os homens de tomar cerveja depois do trabalho.

Mas a conversa toda logo acabou, porque o pai ouviu o barulho do carro chegando e aconselhou o filho a se calar e continuar cortando batatas.